

da competição partidária, pois as decisões políticas das pessoas supostamente estavam fundadas em clivagens sociais duradouras. As alianças estáveis entre partidos e eleitores eram um foco da pesquisa.

Dalton e Klingermann contam que, durante os anos 80, esse modelo de voto estável baseado em clivagens ou partidarismo começou a ser desafiado. A questão dominante passou de explicar a persistência da política eleitoral para explicar a mudança eleitoral. Diminuições nas divisões de classe, de nível educacional, de renda, de regionalismos, de religião e de gênero tiveram impacto decrescente nas preferências partidárias nas democracias ocidentais ao longo do tempo. Clivagens sociais perderam a capacidade de estruturar a escolha do voto. A influência decrescente das clivagens de grupo na escolha eleitoral é acompanhada por um enfraquecimento da afinidade partidária que era a base do modelo de Michigan de escolha eleitoral. As ligações partidárias enfraqueceram, diminuiu a votação orientada por grupos ou partidos, aumentou a volatilidade partidária – indícios que mostram menos cidadãos votando segundo predisposições de longo prazo baseadas na posição social ou no partidarismo. O fenômeno, segundo Dalton e Klingermann (2004), deve deslocar a base da pesquisa de comportamento eleitoral para fatores de curto prazo, como imagem do candidato e opiniões sobre questões. A nova ordem eleitoral parece incluir mudanças em direção à escolha de voto centrada no candidato, de caráter mais personalista favorecido pelos novos formatos de campanha e de meios de comunicação (McAllister, 1999; Wattenberg 1991; Aarts, Blais e Schmitt 2005).

Não há como antecipar se tais mudanças irão melhorar ou piorar a qualidade do processo democrático. Na avaliação de Dalton e Klingermann, a incerteza da opinião pública força partidos e candidatos a serem mais sensíveis às demandas populares, pelo menos às opiniões daqueles que votam. Eleitores motivados instrumentalmente têm maior probabilidade de serem ouvidos, e os políticos que utilizarem as possibilidades de comunicação com os eleitores sem a mediação da imprensa poderão fortalecer seus vínculos com o povo. Com vínculos mais diretos, cidadãos comuns basearão suas escolhas no próprio julgamento, sem intermédio de grupos e talvez até mesmo sem o médio escalão dos partidos políticos.

No entanto, a prevalência de políticas monotemáticas pode prejudicar a capacidade da sociedade de lidar com questões políticas que vão além de interesses particularistas e imediatos. Outro ponto de atenção está na ênfase excessiva no desempenho de curto prazo, que pode produzir uma definição tacanha de racionalidade que é tão prejudicial à democracia quanto as clivagens sociais "congeladas". Além disso, o contato direto e não mediado entre políticos e cidadãos abre potencial para demagogia e extremismo político.

Dalton e Klingermann já previam que nesse novo ambiente político, era provável que movimentos extremistas de direita e esquerda se beneficiassem, pelo menos em curto prazo. O eleitorado acaba sendo mais suscetível a manipulação midiática. A ascensão do populismo e a disseminação de desinformação são sintomas agudos dessas tendências preocupantes. O declínio do partidarismo e a maior